



1919

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DE MATO GROSSO**

PUBLICAÇÕES AVULSAS

nº 49 - 2002

**Carta sobre a Navegação
a Vapor no Araguaia**

Otaviano Esselin

Cuiabá
IHGMT

**Carta sobre a Navegação
a Vapor no Rio Araguaia**

Publicação Original: ESSELIN, Octaviano. *Carta sobre a Navegação à Vapor no rio Araguaia*. In: MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *Viagem ao Araguaia*. São Paulo: Espíndola & Siqueira, 1902, p. XVI-XXIX.

Plano da Obra: Esta coleção é uma publicação do IHGMT, que contempla edições de obras raras e esgotadas de interesse da historiografia mato-grossense.

Dados Internacionais para Catalogação

Ficha Catalográfica

Esselin, Otaviano

Carta sobre a Navegação a Vapor no Araguaia / Otaviano Esselin - Cuiabá : Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 2002.

30 p. ; 21cm. - (Publicações avulsas).

1. Mato Grosso - História. I. Título. II. Série. (Publicações avulsas)

CDD (20^a ed.)
981.72

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

PUBLICAÇÕES AVULSAS

nº 49



1919

**Carta sobre a Navegação
a Vapor no Araguaia**

Otaviano Esselin

Cuiabá - 2002
IHGMT

Copyright © 2002 by IHGMT

Projeto Editorial:
Editora Buriti Ltda.

Pesquisa e seleção dos títulos:
Paulo Pitaluga Costa e Silva

Editoração eletrônica e capa:
João Guilherme de Oliveira Vicente Ferreira

Digitação de textos:
Kristianne Marques Dias

Impressão e Acabamento
Gráfica Print

IHGMT - 2002

Todos os direitos desta edição reservados ao
Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso
Cuiabá - Mato Grosso

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

DIRETORIA

Presidente:	João Carlos Vicente Ferreira
1º Vice Presidente:	Gabriel Francisco de Mattos
2º Vice Presidente:	Weller Marcos da Silva
1º Secretária:	Sônia Regina Romancini
2º Secretário:	Benedito Pinheiro de Campos
1º Tesoureiro:	Francisco Freire da Silva
2º Tesoureiro:	Domingos Iglésias Valério
Orador Oficial:	Lenine de Campos Póvoas
Conselho Fiscal:	Aníbal Alencastro Aecim Tocantins João Alberto Novis Monteiro

Curadora do Museu e Arquivo

Elizabeth Madureira Siqueira

Coordenador Geral das Publicações Avulsas do IHGMT

Paulo Pitaluga Costa e Silva

IHGMT

Rua Barão de Melgaço, 3.869 - Centro
Cuiabá - Mato Grosso - Brasil
Telefax (65) 624 6782 - CEP 78.005-500

ÍNDICE

Apresentação	09
Carta sobre a navegação a vapor no Rio Araguaia	13
Anexos inseridos pela Coordenação da Publicação	
I - Criação da Colônia Militar de Itacaiu no Araguaia	27
II - Auto de inauguração da navegação a vapor no Rio Araguaia	28

APRESENTAÇÃO

O que se sabe acerca do autor, Otaviano Esselin, são os pouquíssimos dados por ele mesmo informados no bojo de seu trabalho.

Nascido em Goiás, provavelmente antes da metade do século XIX, foi empregado na Empresa de Navegação a Vapor do Araguaia como praticante de maquinista, tal seja, o funcionário encarregado de auxiliar no trabalho das máquinas e da caldeira dos vapores. Posteriormente já estava morando em São Paulo trabalhando como secretário da Associação Comercial. E aí se encerram as informações sobre a sua pessoa. Escassa a sua biografia.

O trabalho em si, ora publicado, é uma simples carta que o autor remeteu ao Dr. Couto de Magalhães Sobrinho, após ter lido no Diário Popular, periódico paulista, que o mesmo estava preparando uma reedição da *Viagem ao Araguaia* de José Vieira Couto de Magalhães. Tão interessante a missiva, que o editor resolveu publicá-la na Apresentação dessa reedição em 1902.

Otaviano Esselin demonstra uma grande afeição e admiração pelo Brigadeiro Couto Magalhães, a quem conhecera e tivera o ensejo de trabalhar por ocasião do funcionamento da empresa de navegação. Não poupa elogios ao Brigadeiro, tanto com relação à sua personalidade, seu modo de trabalhar como empresário e seus feitos no decorrer de sua vida administrativa.

Uma interessante e diferente biografia de Couto Magalhães nos é apresentada entremeadada ao histórico da navegação do Araguaia, que somente poderia ter sido produzida por quem realmente o tivesse conhecido tão de perto. Fala pouco do político, do homem público, mas muito se refere ao empresário que desenvolveu desde uma companhia de navegação no Araguaia até uma estrada de ferro em Minas Gerais.

Mas a importância do seu trabalho é a história da navegação a vapor no Rio Araguaia. Sem consulta a documentos, a arquivos, a velhos jornais, somente pelas lembranças de sua juventude, foi reconstituindo os episódios históricos que relata. Do transporte do vapor por terras mato-grossenses em carros de boi ao Rio Araguaia até a transcrição de um Edital para a venda da sucata em que se transformaram os vapores da antiga companhia de navegação. É sem dúvida, embora pequeno e sem muita minúcia, o único relato que abrange todo o período de tempo em que durou essa navegação a vapor. Uma história completa. Esse o grande mérito do presente trabalho.

O observador mais atento poderá perceber a *goianização* do empreendimento. Um Presidente da Província de Mato Grosso toma a iniciativa e realiza o seu sonho de navegação; desmonta um vapor de guerra que navegava em águas do Rio Cuiabá; o transporta por 100 léguas por matas e cerrados mato-grossenses; monta novamente o vapor na margem esquerda do Araguaia, território de Mato Grosso, e o põe a navegar. E na data do lançamento, pelos *Autos* lavrados nesse dia, já se vê o empreendimento sendo açambarcado pelos goianos. Reunidas, nessa data, as autoridades goianas, pouco ou nada se fala de Mato Grosso e do povo mato-grossense. Tal seja, a Província de Goiás, politicamente, de fato e de direito, apropriou-se do projeto mato-grossense. E em Goiás, em 1900, foi vendida em hasta pública o que restou, como sucata, do vapor Antônio João, que tantos feitos realizou durante a Guerra do Paraguai em águas da bacia do Prata.

Os denominados *Autos de Inauguração da Navegação no Rio Araguaia* e a *Criação da Colônia Militar de Itacaiú*, por serem pertinentes ao trabalho, foram aqui inseridos como anexo pela Coordenação das Publicações Avulsas do IHGMT.

Mas o mérito do registro ficou. Otaviano Esselin, através de uma simples carta, escrita com *grandes saudades e muita tristeza*, produziu um interessante relato histórico de um período – pós Guerra do Paraguai – que a todo custo se procuravam rotas fluviais para Cuiabá alternativas à navegação do Prata.

Uma carta singela que se tornou um precioso registro histórico do Rio Araguaia.

Paulo Pitaluga Costa e Silva

CARTA SOBRE A NAVEGAÇÃO A VAPOR NO RIO ARAGUAIA

Senhor Doutor Couto de Magalhães Sobrinho

Alegrei-me tanto com a notícia do Diário Popular, da reedição da *Viagem ao Araguaia*, do inolvidável general Couto de Magalhães, que não pude resistir ao desejo de comunicar-lhe, por escrito, as minhas impressões pelo fato, que, se verdadeiro, considero auspicioso, senão para a história, ao menos porque me oferece o ensejo de escrever-lhe estas linhas.

E tanto mais fortes são as minhas impressões, quanto são elas, infelizmente, de natureza dolorosa: de grandes saudades e muita tristeza.

Releve-me, Sr. Dr Couto de Magalhães, o enternecimento.

Que outro sentimento podia eu ter ao saber que o senhor e seu primo iam reviver páginas amarelecidas e esquecidas pelo tempo, mas vibrantes ainda de mocidade e patriotismo; páginas escritas por brasileiro dos mais ilustres, de uma geração quase desaparecida; páginas impressas e formando o primeiro livro publicado na minha terra descrevendo o autor, com as cores mais deslumbrantes, as belezas do majestoso Araguaia e apontando, como Moisés ao povo hebreu, aquela grande artéria do colossal continente brasileiro, como a Terra da Promissão do povo goiano.

E como não ter saudades pungentíssimas de tudo o que dizem essas páginas eloqüentes, se foram por mim lidas com avidez na minha

juventude, se conheço os lugares aí minuciosamente descritos e conheci os que existiram nesse tempo – até esse cão fiel chamado *Navio*, que à popa da montaria ia sendo vítima de enorme e voraz jacaré, conforme escreveu com tanta expressão o general Couto de Magalhães: *quando ele pensava apertar em sua queixada monstruosa o corpo palpitante do pobre animal, uma bala certa interrompeu-lhe a carreira e o sepultou no abismo.*

E como não ter saudades dolorosas desse passado não muito remoto, pois sou contemporâneo, se ele não se parece nada com o presente, pelo menos na existência de homens ilustres e intrépidos, que não se receavam de internar-se varejando intérminos e ínvios sertões, vencendo mil obstáculos materiais, afrontando os mais sérios e temerosos perigos, lutando em guerra com o arguto gentio, tudo por amor do engrandecimento do país, na resolução do grande problema da catequese dos índios e da navegação ligada pelo interior, do Prata ao Amazonas?

Faço aqui, com as devidas homenagens, honrosa exceção ao preclaríssimo Monsenhor Claro Monteiro de Mello e à tão ilustre quão temerária professora D. Leolina de Figueiredo Daltro, um vitimado e outra, escapa milagrosamente, e ambos, no meio do caminho da missão evangelizadora.

Monsenhor Claro encontrou a morte nos sertões de São Paulo, entre os índios do Aguapeí; e D. Leolina, desprotegida, tudo sofreu nas mais longínquas paragens do rio do Sono, na quase bifurcação do Tocantins e Araguaia, no Estado de Goiás.

As arrojadas excursões, as longas e temerosas viagens de hoje são feitas nos vapores do Lloyd Brasileiro e nos *Wagons Lits* dos trens noturnos da Central do Brasil, com um perigo único apenas: o dos bate-dores de carteira.

Dos que a história registra que viajaram e trabalharam pela navegação do Araguaia: Capitão General D. João Manoel de Menezes, que por ordem do Marquês de Pombal subiu do Pará até onde pudesse ir e

chegou ao lugar em que está a ponte do Carmo na cidade de Goiás; Conde Francis de la Porte Castelnau; o Bispo Joaquim Gonçalves de Azevedo, mais tarde Arcebispo da Bahia; o Dr. Antônio Florêncio Pereira do Lago, chefe de uma comissão científica e cujo relatório é uma descrição magistral da navegabilidade do Araguaia; o Dr. Joaquim de Almeida Leite de Moraes, ex-Presidente da Província de Goiás e lente da Academia de Direito de São Paulo, cujas impressões gravou brilhantemente no livro *Apontamentos de Viagem*, e outros de que ora não me lembro; - nenhum descreveu melhor, nem prestou tantos e tão reais serviços à catequese dos índios e à navegação no Araguaia como o General Couto de Magalhães, que, pelas incessantes travessias sertanejas, foi, com muita propriedade e incontestável Justiça, apelidado o *Livingstone Brasileiro*.

Tão profundas e sinceras foram as impressões do General Couto de Magalhães pelo Araguaia, das belezas, das riquezas naturais e do futuro promissor daquela extensa via fluvial, que ele descreve com tanta elevação nessa *Viagem*, que, contando 24 anos de idade, graduado doutor em Direito, falando corretamente o francês e o inglês, possuindo regular fortuna, podendo gozá-la em qualquer parte do mundo civilizado, não lhe faltando até para isto os elementos oficiais, pois governavam os seus mais íntimos amigos; oferecendo-lhe o Governo Imperial outra Presidência – a de Minas ou Pará – escolheu esta, preterindo a sua terra natal – Minas, onde poderia ostentar legitimamente a sua justa vaidade de moço, se a tivesse. Mas não! Preferiu Província estranha, talvez de mais responsabilidade governamental, só para ficar mais perto possível do já então *seu* Araguaia.

Em Belém, a poucos dias de viagem da confluência desse grande rio com outro igual, senão de maior grandeza, o Tocantins, e não obstante as agitações e dificuldades surgidas com a Guerra do Paraguai, ainda assim achou meios de nutrir vigorosamente as preocupações de seu espírito; já pelas novas excursões àquelas paragens, já pelos estudos de gabinete, pôde, afinal, preparar-se para enfrentar resolutamente o magno problema da navegação conjunta do Araguaia e Tocantins.

Quis o destino ou a boa estrela do General Couto de Magalhães que a Província de Mato Grosso, a mais exposta às vicissitudes da Guerra do Paraguai, precisasse de um Presidente como ele, que reunisse em si as qualidades já demonstradas e indispensáveis na triste emergência; a do talento, da energia e da bravura, pois tinha de exercer cumulativamente as funções antes separadas, de Presidente e Comandante das Armas.

Aí, nessa Presidência, em que prestou os mais relevantes serviços à Pátria, entre eles talvez o mais notável – o glorioso feito militar da Retomada de Corumbá – que comandou em chefe e lhe valeu mais tarde, como confirmação, as honras de General, ainda não se esqueceu, antes parece, avivaram-se-lhe no espírito as preocupações da navegação do *seu* Araguaia, na fronteira leste e a cem léguas da sede de seu governo.

Diante dos inúmeros e visíveis obstáculos para a sonhada navegação a vapor, obstáculos medidos ou avaliados com meticulosa precisão pelos mais práticos e vaqueanos sertanejos, para demonstrarem a impraticabilidade do cometimento por qualquer lado que ele fosse tentado – de Mato Grosso, de Goiás ou do Pará; essa navegação, os meios de torná-la uma realidade, os seus resultados maravilhosos pela maneira porque o General Couto de Magalhães a imaginava e descrevia, já criavam no ânimo dos que de tudo duvidam a suspeita de uma obsessão!

Terminada a guerra no território de Mato Grosso, com a retirada dos paraguaios depois da tomada de Corumbá e do combate do Rio Apa, começam os titânicos esforços desse patriota, que, não tendo compleição robusta, era, todavia, de uma extraordinária resistência contra as intempéries e as exigências da vida; não se queixava de frio, quando muitas horas debaixo de chuva; nem de fome, depois de um dia inteiro de trabalhosa caçada, pescaria ou qualquer outra preocupação, tendo como único alimento uma xícara de café, ingerida de madrugada.

Ainda achava forças para estudos.

A sua temeridade diante dos maiores perigos, como o de um naufrágio, de uma fera ou de uma cachoeira, constituía-o um homem singular de resistência e vibratibilidade só comparável a uma peça de aço.

Preciso era mesmo que me detivesse na descrição minuciosa do temperamento do homem erudito, transformado no mais completo sertanejo, dos que mais o fossem, para bem se compreender tudo quanto de grandioso e arriscado praticou ele ainda posteriormente à tomada de Corumbá, durante e depois da brilhante presidência de Mato Grosso, e tudo em prol da realização de seu almejado *desideratum* – a navegação a vapor do Araguaia.

Julgando o general Couto de Magalhães dispensável, depois do feito de Corumbá, a presença no Rio Cuiabá do vapor de guerra *Antônio João*, obteve autorização do governo Imperial para desarmar completamente esse vapor e fê-lo transportar em peças portáteis, em cento e tantos carros de bois, por cento e tantas léguas de territórios inóspitos até o porto de Itacaiú, à margem esquerda do Rio Grande ou Alto Araguaia, a cem léguas de Cuiabá e a cinqüenta da capital de Goiás.

Nesse porto, que se ficou logo chamando *Colônia do Itacaiú*, centro de apreciável movimento, pelo acúmulo de militares, operários, carreiros, camaradas e mais população adventícia, teve começo sem demora a reconstrução do vapor, sob a direção técnica do Capitão de Mar e Guerra, Comendador Balduino José Ferreira de Aguiar, do Primeiro Tenente Peixoto (o Peixotinho como lhe chamavam), do maquinista Felisberto Newzan, auxiliados pelos operários e soldados de linha do comando do Capitão Lima.

O médico militar, Dr. Tomás Carvalhal, por fortuna sua e de sua numerosa e distinta família e dos seus não menos numerosos amigos, ainda vive em Santos, vigoroso, clinicando com felicidade e disposto (não sei se ainda o estará, pois faz muito tempo que m'o disse) a ir outra vez a Itacaiú.

Foi obra de poucos meses o trabalho de por-se o navio em completo estado de navegar e de inaugurar-se o serviço de navegação, o qual se efetuou no correr do ano de 1868, no presídio militar de Leopoldina, a quarenta léguas abaixo de Itacaiú, e a vinte e oito léguas da capital de Goiás.

Essa inauguração foi fato de grande importância pela solenidade que se revestiu com a presença dos dois Presidentes: General Couto de

Magalhães – de Mato Grosso, e o Desembargador João Bonifácio Gomes de Siqueira – de Goiás, acompanhado do funcionalismo oficial o mais graduado.

Era justa a alegria do povo goiano, pelos ecos das festas da civilização, que bem vivos e sonoros lhe chegavam aos ouvidos, porque exprimiam um princípio de realidade das esperanças que aquele povo nutriu, por quase um século, da franca navegação a vapor do Araguaia.

Da ligação, por tal meio rápida, com o Pará, esse grande empório, e, portanto, da abertura de uma extensa e econômica via de comunicação, por onde pudesse expandir a sua estreita vida comercial, havia mesmo muita razão para a alegria do povo goiano naquele tempo.

Como brasileiro, e muito particularmente como goiano, que deve uma parcela de gratidão ao General Couto de Magalhães pelos serviços prestados ao seu país, sinto justo orgulho em recordar tão grande feito, como o da história do vapor *Araguaia*, porque ela é, depois da guerra do Paraguai, a de maior *tour de force* praticado na América do Sul.

Esse vapor teve na inauguração o nome de *Araguaya-nerú-assú*; não sei porém por que motivo, pouco tempo depois, esse nome foi simplificado para *Araguaya*, pela supressão dos termos indígenas *nerú-assú*.

Aqui podia pedir o General Couto de Magalhães repetir com o bardo lusitano:

*Eu desta glória fico contente ...
Por ter amado a minha Pátria e a minha gente.*

... e descansar sobre os virentes louros colhidos na sua brilhante carreira; mas não julgou chegada ainda a ocasião de tal fazer, antes redobrou de forças para levar por diante, de triunfo em triunfo, até ao extremo, a arrojada e grandiosa empresa, que espontânea e deliberadamente tomou sobre os ombros, da inteira e positiva navegação do Araguaia.

Estabelecida por ele a sede do serviço em Leopoldina, volta à Cuiabá, entrega o Governo a quem de direito e regressa a Leopoldina. Daí desce ao Pará.

Coincidiu a sua chegada em Belém com o fato auspicioso para a história da Igreja e da navegação: a sagração do venerando Bispo de Goiás, D. Joaquim Gonçalves de Azevedo.

Obtidos da administração daquela Província todos os elementos pedidos para o regresso e para o aumento do serviço da navegação, tais como um rebocador a vapor, maquinistas, tripulação, etc, obteve mais o General Couto de Magalhães (naqueles tempos tudo o que fosse justo era fácil obter-se) o que parecia impossível: obteve que o virtuoso Prelado empreendesse a viagem para a sua Diocese pelo Araguaia!

Era penosíssima a viagem, mormente na seção encachoeirada; pois nas grandes cachoeiras, a léguas distantes umas das outras, com as do Tauriy Grande e Pequeno, S. Miguel, Cachoeira Grande, Martírios, Carreira Comprida, etc, as subidas são feitas: da carga, pela baldeação por terra até acima da cachoeira; e da embarcação, por meio da sirga. A viagem, apesar disso, correu maravilhosamente.

Houve porém um incidente digno de se tornar conhecido pelas suas peripécias, e que dissipou todas as dúvidas sobre a franca navegabilidade do baixo Araguaia e Tocantins, e decidiu os destinos da futura empresa de navegação a vapor.

Foi na Itaboca, porventura a mais temerosa das cachoeiras, pois a sua queda é de 2 metros, em canal estreito (talvez de menos de 8 vezes a largura do rio); as águas precipitam-se com um fragor ensurdecedor, e tudo ali oferece um aspecto horroroso.

Depois de achar-se tudo no manso (acima da cachoeira), faltava o rebocador, que o General Couto de Magalhães deliberou fazer transpor a cachoeira com a única força do vapor, pondo assim em luta titânica a obra frágil do homem contra a obra forte do Criador!

Tudo preparado, indicando o manômetro 80 graus de pressão, aproado o navio para o rumo próprio, que se poderia dizer – o da morte, ouviram-se as terríveis palavras do comando: *Adiante ... devagar...*, e instantes em seguida: *Meia força...* e tão depressa quanto pôde conceber a imaginação humana, esta outra: *Toda força!*

Estava travada a luta! O rebocador, impelido pela impetuosa força que lhe imprimia a máquina pela hélice, não andava, saltava!, e tantas vezes avançava, quantas recuava, tal a valentia também da corrente.

Houve ligeira trégua, e foi quando o General ordenando: *Para...*, e descendo o rebocador um pouco do centro de ação, chamou o maquinista Diogo Fortt (se não me trai a memória) e determinou-lhe que levantasse a pressão.

- *Impossível!* respondeu o maquinista.

- *Impossível?* perguntou o General, para quem naquele transe parecia não existir a palavra *impossível*. Sacando do bolso o seu revólver, apontou-o para o maquinista: *Ordeno!* Acrescentou com voz de fera raivosa.

Triste emergência para o cumprimento de um dever. Era indeclinável e cumpria obedecer.

Levantada a pressão ordenada ao grau máximo (100 graus), que o ponteiro, em tremor, indicava no manômetro e embicado novamente o rebocador contra a corrente, gradualmente aberta a válvula de escape até ao máximo de saída do vapor, e desta vez, arfante, e ainda aos saltos, o rebocador transpôs a célebre cachoeira da Itaboca!

Deixo-lhe, Dr. Couto de Magalhães, a delícia de apreciar o grau de alegria do General naquela hora em que traçou com seu heroísmo mais uma página brilhante da história Pátria.

Contavam os que assistiram a esta cena de temeridade que o regozijo, depois, no acampamento, era extraordinário. Até no Bispo, em cujos lábios sempre viveu um suave sorriso de doçura e bondade.

Houve festa, em que não faltou o cateretê, o lundu repinicado nas violas, de que tanto gostava o general Couto de Magalhães, e no que são insignes os nortistas de Goiás e de Minas, sem desfazer na maestria tradicional dos baianos.

O rebocador, era justo, recebeu com a solenidade possível na ocasião, o nome do grande descobridor da América – Colombo, que ficará sendo assim, duas vezes histórico.

Não sendo meu fito senão escrever uma ligeira narração relativa à navegação do Araguaia, passarei por alto o resto da viagem até Leopoldina, a entrada do Bispo em Goiás, que foi festiva, para acompa-

de combustível para os vapores, com lenha em achas, muito bem empilhadas nas praias ou nas barreiras, em pontos de fácil embarque, ao pé sempre da aldeia, entretendo assim relações comerciais e amistosas com os *turys* (cristãos).

A aquisição dessa lenha era feita por meio da permuta de calças, camisas, chapéus, machados, foices, facas, canivetes, tesouras, anzóis, linhas de pescar, espelhos (Oh! o espelho é objeto de alto preço para o índio), fumo, cachimbos, miçangas, etc, escolhidos à vontade pelo capitão e dados em quantidade, sempre correspondente ao valor das achas recebidas a bordo.

Não tendo as necessidades do homem civilizado, o índio não conhece também o valor do dinheiro. Para ele mais vale um anzol de dois vinténs que uma nota de 20\$000!

Feliz ignorância, que o põe a salvo dos perigos da ciência mercantil, de uma cédula falsa e da falência!

Outro fato maravilhoso dos frutos da catequese, em mãos de quem, perante Deus, se desfaz abnegadamente de todos os gozos terrenos para dedicar-se em todos os instantes da vida em benefício dos infelizes, é a Colônia da Pedra Branca, no aldeamento dos Xambioás, nas vizinhanças da cachoeira dos Martírios, a muitas léguas de Santa Maria do Araguaia, fundada e criada pelo ilustradíssimo franciscano Frei Savino de Rimini, muito conhecido na Bahia como emérito professor e pregador que foi do respectivo Convento. É falecido há anos.

Ali, e não eram decorridos ainda três anos de sua fundação, se viam não poucas casas alinhadas, alvas, sólidas e elegantemente construídas; havia abundância do necessário, pois até não pequeno cafezal fora plantado, e, como requinte do bem estar, até roseiras de variadas espécies! Ali reinava, sobretudo, a ordem.

Outra parte do serviço de catequese no Araguaia estava entregue ao venerando Frei Francisco do Monte São Vito, já muito velho e quase cego, em Santa Maria, e ao não menos velho, porém vigoroso, Frei Segismundo de Taggia, em São José.

Em meados de 1871, ou porque sua saúde já se ressentisse do impaludismo e dos extraordinários esforços a que a sujeitou, no intuito de conseguir estabelecer a navegação, ou porque a Empresa já estivesse funcionando regularmente sob a gerência de seu primo (um bravo do Paraguai) Tenente Coronel José Maria Borges, tão desastradamente morto afogado uma noite em viagem para Itacaiú, e superintendência do engenheiro inglês William Buist, mais tarde também falecido desastradamente, mas por suicídio, no Pará, após a experiência negativa de uma lancha a vapor de seu plano e construída sob sua direção, - o General Couto de Magalhães, considerando a sua estada em Leopoldina temporariamente desnecessária, voltou ao Rio de Janeiro, por via de Cuiabá e Rio da Prata, e nunca mais voltou ao Araguaia!

Aumentada a frota com a adição do vapor Mineiro, construído expressamente e com todos os requisitos para a navegação do Araguaia, até nas baixas das grandes secas, o contrato da Empresa foi transferido ao ativo e laborioso goiano João José Correia de Moraes, falecido coronel, anos depois, no Rio de Janeiro.

Daqui, por faltar o braço possante do General Couto de Magalhães, embora as boas e incontestáveis qualidades do Sr. João Correia, pode assinalar-se o início da decadência do serviço de navegação a vapor do Araguaia e da catequese dos índios da região.

Pelos anos de 1887 ou 1888, o Sr. João Correia transferiu o seu contrato a uma companhia norte americana, que tinha adquirido simultaneamente o famigerado privilégio Caiapó.

Calculo, pelo que vejo aqui com a Light and Power, que transformação não se teria operado nas regiões auríferas do Rio Maranhão e diamantinas do Rio Caiapó, e o impulso que teria recebido a navegação do Araguaia e Tocantins, de que aqueles rios são tributários, nas mãos dos *yankees*.

Mas ... veio a República e cassou tudo: contratos, transferências, privilégios, etc.!

Surgiu depois o Sr. Guedes com empresário, e, de posse do material da navegação, fez as viagens do contrato (creio que houve contrato); depois, acabou-se a subvenção, que era de 40 contos anuais, e não sei se a extinção da navegação a vapor no Araguaia foi declarada por decreto, com exposição de motivos ...

O que sei é que o povo goiano, à semelhança do povo hebreu, olhava a princípio para os lados do Araguaia e via a coluna de fumaça dos vapores que o guiava à Terra da Promissão, e de vez em quando dava, mas em pura perda, umas olhadelas para os lados de onde devia ver a fumaça das locomotivas da Mogiana, outra Terra da Promissão.

O que ele vê hoje, com desolação, mas resignadamente, publicado no Diário Oficial da União de 23 de junho de 1900, como triste epílogo dessa grande epopéia que se chamou *Navegação do Araguaia*, o seguinte:

EDITAL
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, VIAÇÃO E
OBRAS PÚBLICAS

Diretoria Geral da Indústria

Concorrência para a venda do material da extinta Empresa de Navegação a Vapor do Rio Araguaia, no Estado de Goiás.

De ordem do Senhor Ministro, faço público que, a contar desta data até 31 de agosto do corrente ano, se receberão propostas nesta Diretoria Geral e nas Delegacias do Tesouro Federal nos Estados de Goiás, S. Paulo, Minas Gerais, Maranhão e Pará, para a venda de todo o material da extinta Empresa de Navegação a Vapor do Rio Araguaia, constante da relação em anexa.

Os proponentes deverão apresentar suas propostas fechadas, devidamente seladas, datadas e assinadas, até às 2 horas da tarde do referido dia 31 de agosto, quando serão abertas e lidas na presença dos interessados.

No ato da apresentação da proposta, será exibido, em separado, o recibo da caução de 300\$, previamente feita nesta capital no Tesouro Federal, e nos mencionados Estados, nas respectivas Delegacias, para garantir a assinatura do contrato pelo proponente preferido, e, bem assim, a execução do mesmo contrato.

O aludido material é vendido no lugar em que se acha no Estado de Goiás, devendo o proponente preferido pelo Ministério assinar o contrato dentro de 30 dias do respectivo despacho, sob pena de perda do depósito feito.

Vapor Araguaia

Máquina em bom estado; caldeira velha, porém em estado de servir, obras mortas bastante danificadas. Aparelhado com todos os pertences para viagem, como seja, gualdrapos, corrente para prisão e âncoras, sineta, lanternas, etc. casco já podre.

Vapor Colombo

Apenas resta o casco completamente inutilizado, caldeira em estado de poder servir, máquina inutilizada

Vapor Mineiro

Casco inutilizado, máquina muito estragada, caldeira no mesmo estado, armação de ferro também estragada.

Diretoria Geral da Indústria, 20 de junho de 1900

O Diretor Geral Interino, Leandro A. Ribeiro da Costa.

Diga-me, Sr. Dr. Couto de Magalhães Sobrinho, se tenho ou não razão para grandes saudades e muita tristeza ?

Seu compatriota e amigo,

Octaviano Esselin. Ex-Praticante maquinista no Araguaia

São Paulo, 2 de julho de 1902

ANEXOS

I

CRIAÇÃO DA COLÔNIA MILITAR DE ITACAIU NO ARAGUAIA

18 de fevereiro de 1867

FONTE: Estêvão de Mendonça, Datas Mato-grossenses, Vol. II (2a. Ed.), p. 97/8

O Presidente da Província, considerando a grande necessidade que há de pontos povoados no sertão que medeia entre esta e a Província de Goiás, onde os viandantes possam encontrar socorros de mantimentos que os sustentem, e de gente que os garanta contra as incursões dos índios Caiapós e outras tribos selvagens que por aí transitam, e tendo outrossim em atenção à necessidade, que se pode tornar urgente, de tirar da Província de Goiás gêneros alimentícios para abastecimento desta, se a guerra que sustentamos atualmente contra a República do Paraguai exigir o chamamento às armas, de maior parte da população, resolve:

Art. 1º - Fica criada à margem do Rio Grande uma colônia militar com a denominação de Itá-Acaiú, a qual será situada junto à estrada que segue desta para a Província de Goiás, na margem ocidental do Rio Grande, logo abaixo da Cachoeira Grande, 5 léguas, mais ou menos, ao norte do atual destacamento.

Art. 2º - Esta colônia será regida pela legislação dos presídios e colônias militares da Província de Goiás.

Art. 3º - As praças que ali residirem podem ser divididas em duas categorias, a saber: 1a. composta de praças destacadas, e amovíveis; 2a. composta de praças inválidas, que terá a denominação de - classe de inválidos, - e só serão removidos a requerimento seu, ou com ordem nominal do Ministério da Guerra.

Art. 4º - A classe de inválidos será obrigada a auxiliar os

diversos serviços da colônia, menos nos meses próprios para plantação e colheita de gêneros alimentícios, que será obrigada a fazer para si.

Palácio do Governo de Mato Grosso, em Cuiabá 18 de fevereiro de 1867. *Dr. José Vieira Couto de Magalhães.*

II

AUTO DE INAUGURAÇÃO DA NAVEGAÇÃO A VAPOR DO RIO ARAGUAIA

Aos 28 dias do mês de maio do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1868, 47º. da Independência do Império, à margem esquerda do Rio Araguaia e a cinquenta léguas da capital de Goiás, reuniram-se o Exmo Sr. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, Presidente que foi desta Província e por ela eleito Deputado à Assembléa Geral Legislativa, atualmente Presidente da Província de Mato Grosso, e o Exmo. Sr. Desembargador Dr. João Bonifácio Gomes de Siqueira, 1º. Vice Presidente da de Goiás, em exercício, com muitos funcionários públicos e um grande número de outros cidadãos que concorreram para o fim de assistirem à cerimônia religiosa da bênção do vapor *Araguay-nerú-assú* e a inauguração da navegação a vapor no Rio Araguaia, em consequência de o haver comunicado o mesmo Exmo Sr Presidente da Província de Mato Grosso ao desta Província, que dirigiu convites e fez público este fato da mais subida importância para o engrandecimento e prosperidade da Província de Goiás.

E achando-se surto no porto, em frente à foz do Rio Vermelho o mencionado vapor, de que é comandante o Capitão de Fragata Comendador Balduino José Ferreira de Aguiar, recolheram-se a bordo os Exmos. Srs. Presidentes das Províncias de Mato Grosso e Goiás, acompanhados dos srs. Dr. Teodoro Rodrigues de Moraes, 3º. Vice Presidente; Dr. Frederico Dabney de Avellar Brotero, Chefe de Polícia da Província; Dr. João Luís de Araújo Oliveira Lobo; Inspetor Geral dos Presídios;

Antônio Honório Ferreira, Inspetor do Tesouro da Fazenda de Goiás; Dr. Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim, engenheiro; Capitão Luís Gonçalves de Lima, engenheiro construtor; Dr. João Tomás Carvalhal, 1º. Cirurgião do Exército; e muitos outros funcionários públicos e pessoas importantes. Em seguida, precedendo os necessários exames e reconhecimentos, teve lugar a cerimônia religiosa do vapor, até então chamado *Araguay-nerú-assú*, oficiando o Revmo. B. de Costa e Oliveira, Capelão do Presídio Leopoldina, tendo-se antes assentado em mudar-se o nome do mesmo vapor, que se passou a chamar *Araguaya*. Terminado o ato religioso, ergueram-se vivas à religião do Estado, a Sua Majestade o Imperador, ao governo Imperial, aos Exmos. Srs. Ministro da Marinha, Conselheiro Afonso Celso de Assis Figueiredo, e ao Ministro da Agricultura, Conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas, e, finalmente, ao progresso da navegação a vapor no interior do Império. Logo depois, o vapor suspendeu o ferro, largou do porto em direitura à margem oposta, atravessou o Rio Araguaia, cruzou diferentes direções ao som do Hino Nacional, subiu o Rio Vermelho e, voltando ao ancoradouro, foi solenemente proclamado achar-se instalada a navegação a vapor no Rio Araguaia, ato este que foi saudado entusiasticamente por todas as pessoas que assistiam de bordo e das praias. Então o Exmo. Sr. Desembargador João Bonifácio Gomes de Siqueira levantou vivas ao Exmo. Sr. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, a quem se deve a reanimação da navegação do Araguaia e seus afluentes, a iniciativa da navegação a vapor, que sustentou com tanta constância e sacrifícios, e acabava de ser realizada, a despeito de todos os obstáculos e contrariedades, a que sempre se mostrou superior. O Exmo. Sr. Dr. Couto de Magalhães foi saudado e cumprimentado por todos, por tão alto feito, recebendo as mais vivas demonstrações de gratidão e reconhecimento. Assim terminou a cerimônia da inauguração da navegação a vapor no Rio Araguaia; e de tudo, para memória, se lavrou o presente Auto, que vai por todos assinado e de que se extraíram seis cópias, para serem remetidas, a saber: duas aos Exmos. Srs. Conselheiros Ministros da Marinha e da Agricultura; duas para a Secretaria de Governo da Província de Mato Grosso e à Câmara Municipal da capital da mesma e, finalmente, duas para as mesmas repartições de Goiás. *Antônio Honório Ferreira*, o es-

crevi. *Dr. José Vieira Couto de Magalhães, Dr. João Bonifácio Gomes de Siqueira, Teodoro Rodrigues de Moraes, Frederico Dabney de Avelar Brotero, Dr. João de Araújo de Oliveira Lobo, Antônio Honório Ferreira, Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim, Luís Gonçalves de Lima, João Tomás Carvalhal. Confere: Antônio Honório Ferreira.*